

# Saúde, inovação e financeirização

A crise sanitária da Covid-19 explicitou as profundas vulnerabilidades da infraestrutura de saúde brasileira, bem como das infraestruturas de transporte, convivência, moradia e saneamento básico. O maior legado da crise sanitária poderá ser a transformação dessas vulnerabilidades sociais em ativos estratégicos para o desenvolvimento econômico e social.

No caso da saúde, o grande desafio será articular a demanda proporcionada pelo fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) com o suprimento de oferta doméstica de bens e serviços de saúde, que assegure relativa autonomia, segurança e legitimidade à política pública de universalização do acesso aos serviços de saúde. O avanço do país nas dimensões produtivas e tecnológicas na área de saúde (setores farmacêutico e de biotecnologia, de equipamentos e de serviços) terá necessariamente que levar em conta sua dinâmica competitiva global.

A área de saúde (e também as tecnologias de informação e comunicação) exemplifica como são poucas as relações entre o processo de financeirização e as atividades inovativas das grandes corporações transnacionais (ETN), como afirmou o professor Claude Serfati em sua palestra na mesa de abertura do IV Encontro Nacional de Economia Industrial (IV ENEI).

Para Serfati, embora relevantes, as análises acadêmicas e de mercado têm se centrado nos impactos da adoção da estratégia de maximização do valor do acionista (MVA), refletida no incremento da distribuição de rendas financeiras em detrimento dos investimentos e das atividades inovativas das corporações. Serfati adota uma abordagem conceitual mais ampla, ao tratar as grandes corporações transnacionais como grupos financeiros, que integram ou sintetizam na forma de capital centralizado as lógicas dos capitais industrial e financeiro.

As ETN têm redirecionado seus investimentos e intensificado seus gastos em ativos intangíveis e em operações de aquisições e fusões (A&F). Essas estratégias têm promovido um processo de concentração empresarial e de controle dos ativos tecnológicos e não tecnológicos (marcas, marketing, pós-venda). A proteção às inovações, por meio de patentes e de ativos mercadológicos, tem permitido elevar a rentabilidade e promover uma valorização patrimonial das ETN. O incremento das rendas financeiras seria beneficiado e ao mesmo tempo reforçaria as estratégias de investimentos em ativos intangíveis. Nesse sentido, os AI tornam-se cada vez mais ativos financeiros e são responsáveis por parcela majoritária do valor de mercado das corporações transacionais.

O objetivo de extrair/capturar riqueza por intermédio dos ativos intangíveis modifica o conteúdo e trajetória da inovação: a) há um estreitamento no tempo das atividades de P&D e no horizonte de retorno dos gastos em P&D; b) incremento de gastos em ativos intangíveis não tecnológicos com o objetivo de extração de valor; e c) o fortalecimento do poder monopolista das corporações.

As mudanças nas atividades de P&D das ETN promovem mudanças importantes nas relações com os demais atores do ecossistema de inovação. A consolidação das CGV, comandadas pelas ETN, tem reforçado as relações assimétricas entre essas corporações e as pequenas e médias empresas de base tecnológica. De um lado, há um crescente *outsourcing* (subcontratação) da pesquisa básica e mesmo de algumas etapas da pesquisa aplicada, visando reduzir o risco financeiro e tecnológico (o mesmo ocorre com relação às instituições públicas de pesquisa); e, de outro, maiores aquisições de *startups*, com o objetivo de internalizar novas competências tecnológicas e/ou para eliminar potenciais competidores.

Essa complexa interação entre as estratégias de inovação e financeirização é um aspecto que merece muito mais atenção por parte de acadêmicos, mas também deverá ser necessariamente considerada na proposição de políticas públicas para o desenvolvimento produtivo e tecnológico do setor de saúde no Brasil.

Divulgação



## FERNANDO SARTI

*Professor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT). Sócio da Abein.*

Divulgação



## CÉLIO HIRATUKA

*Professor e Diretor Associado do Instituto de Economia da Unicamp. Pesquisador do Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT) e do Grupo de Estudos Brasil-China.*